A REDUPLICAÇÃO NO GUINEENSE MODERNO: FONOLOGIA, MORFOLOGIA E SINTAXE

Joao Eusebio Imbatene [1], Manuele Bandeira de Andrade Lima [2]

RESUMO

O presente estudo tem, por objetivo, compreender o funcionamento do processo da reduplicação no guineense moderno. Considerando que "[...] a formação de palavras por reduplicação ocorre quando uma parte (ou todo) de uma sequência fonológica é repetida resultando em uma nova informação morfológica" (ARAUJO, 2002, p. 61). Para alcançar esse objetivo, levantamos os dados bibliográficos presentes no dicionário bilingue guineense-português (SCANTAMBURLO, 2002) e outros instrumentos que permitem a coleta. Os dados foram analisados sob os planos fonológico, morfológico e sintático. A pretensão de trabalhar com tal processo é sustentada pelas inquietações surgidas a partir das afirmações de teóricos que negam a existência de estruturas morfológicas nas línguas de contato, como os crioulos (MCWHORTER, 1998 apud Freitas & Bandeira 2016, p. 245) (BLOOMFIELD, 1933 apud PRATAS, 2002, p. 7). Do ponto de vista morfológico, os resultados obtidos por meio dos dados aqui analisados refutam tais afirmações. Assim, apontamos quatro categorias que sofrem o processo da reduplicação no guineense, nomeadamente a verbal, a nominal, a adjetival e a adverbial. Encontramos as seguintes estruturas silábicas copiadas: (CV.CV), (CVC.CV), (CV.CV.CV), (V. CV. CV), (CVC.CV.CV) e (CV.CVC.CV). As formas reduplicadas apresentam noções de funções, como as de distribuição, de intensificação, de regularidade e iterativa. Com a comprovação da existência de mecanismos morfológicos, o estudo busca evidenciar os equívocos sustentados pelos teóricos sobre a não existência das referidas estruturas, visto que "uma língua [crioula] tem em si todos os elementos estruturais necessários aos seus falantes" (PRATAS, 2002, p. 10).

Palavras-chave:

Processo de Reduplicação. Morfologia. Guineense. Língua de contato.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) , Instituto de Humanidades e Letras -- Campus dos Malês, Discente, e-mail: jei011987@gmail.com

[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras -- Campus dos Malês, Docente, e-mail: manuelebandeira@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende compreender o funcionamento do processo da reduplicação no guineense moderno como mecanismo recorente de destinção lexical, com a finalidade de provar a existência de mecanismos morfológicos nesta língua, partindo da hipótese de que “uma língua [crioula] tem em si todos os elementos estruturais necessários aos seus falantes” (PRATAS, 2002, p. 10). O estudo busca, então, evidenciar os equívocos sustentados pelos teóricos tradicionais sobre a não existência das referidas estruturas. Assim, este trabalho torna-se importante para o campo dos estudos das línguas de contato, na medida em que incentivará a reflexão e a discussão dos estudiosos sobre fenômenos linguísticos das referidas línguas.

METODOLOGIA

Para alcançar o nosso objetivo, levantamos os dados bibliográficos presentes no dicionário bilingue guineense-português (SCANTAMBURLO, 2002) e outros instrumentos que permitem a coleta, por meio de uma pesquisa qualitativa. Para fins de análise, foi dada atenção especial aos casos da reduplicação verdadeira e total. Em confornidade com Bandeira & Freitas (2012, p. 316), a reduplicação verdadeira é aquela que a sua base lexical apresenta um conteúdo lexical independenteao *(padjiga* "espalhar" *padjiga-padjiga* ‘espalhar por todos os lados’) ao contrário da falsa que existe apenas na forma reduplicada como no caso de ieri-ieri ‘chuviscar’. A reduplicação total, por seu turno, é aquela que toda seguência fonológica é copiada para formar uma nova palavra (ARAUJO, 2002), por exemplo, a palavra **padjiga** é repetida para formar a forma reduplicada *padjiga-padjiga*. Procuramos definir as estruturas silábicas copiadas. Efetuamos a análise da presença da reduplicação nas sentenças e analisamos as funções gramaticais e lexicais dos itens coletados. Portanto, compreende-se que os dados foram analisados sob os planos fonológico, morfológico e sintático.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos em seguida os resultados, por meio dos exemplos (A, B, C, e D), que serão discutidos separadamente.

A. . Exemplo das formas reduplicadas enquadrados em classe/função
No que se refere classe gramatical, as categorias encontradas são: a nominal (*djugu-djugu* "a casa das térmites") e a verbal *(miskinha-miskinha* "continuar a lamentar"). Quanto a função, aparecem a adjetivl (t*chan-tchan* ‘muito firme ‘) e Adverbial (*gossi-gossi* "agora mesmo")

Os exemplos em (A), seguem as considerações do Monteiro (2002) sobre as classes e funções, portanto, o processo da reduplicação guineense compreende duas grandes divisões entre as categorias reduplicadas, sendo que pertencem a classe nomes e verbos, enquanto a função comporta os adjetivos e os advérbios. porém os nomes podem expressar funções como adjetivo, advérbio e substantivo.

A forma reduplicada *djugu-djugu* "a casa das térmites" em (A), morfologicamente é reconhecida como forma pertencente a classe nominal, mas se formos observar a mesma forma numa sentença ou sintaticamente, ela assumiria a função do substantivo. Por isso, Monteiro (2002) apresentou afirmações pertinentes, principalmente quando aponta que a classe pertence à morfologia e a função pertence ao campo de estudo da

sintaxe. Nesse sentido, observemos a sentença a seguir.

1**. Na bati ki djugu-djugu gossi-gossi**. 'Vou derrubar aquela casa das térmites agora mesmo'.

Ficou evidente que existem as possibilidades de as formas reduplicadas exercerem funções diferentes, pois a forma djugu-djugu desta sentença apresenta a classe de nome, mas aplicada numa sentença, pode desempenhar a função de substantivo.

Na mesma construção sintática percebe-se que há presença de duas formas reduplicadas subsequentes, isso é frequente nas construções dos falantes desse idioma, sendo que, nesse caso, cada forma desempenha uma função diferente da outra, pois a primeira forma djugu-djugu efetua a função de substantivo e a segunda *gossi-gossi* desempenha a sua função de advérbio

É importante deixar claro que cada língua tem sua estrutura silábica definida em sua fonologia. O caso do guineense não é diferente. Portanto a reduplicação só envolverá moldes silábicos previstos na estrutura fonológica da língua. Conforme Mello (2007, p. 52), existe um número significativo de itens na forma reduplicada do guineense que apresentam uma estrutura silábica de (cvcv-cvcv), como mostra seguintes exemplos: *lupi-lupi* 'andar desorientado', *kuri-kuri* 'correr sem parar', *gosi-gosi* 'agora mesmo', estas e outras formas servem para sustentar a sua afirmação.

Tais considerações de Mello são importantes para compreensão da estrutura silábica dos itens reduplicados no guineense, porém não se deve limitar a isso, pois o processo em questão apresenta ainda outras estruturas, como indicamos no quadro abaixo.

B. Realização silábica na reduplicação no guineense.
Punta-punta 'perguntar por todos os lados'-- (CVC.CV); *Nhinhi-nhinhi* " rir sem graça" (CV.CV);
Padasa-padasa "continuar a despadacar" ---- (CV.CV.CV); *Amanha-amanha* 'futuramente' (V. CV. CV);
Miskinha-miskinha ´ lamentos contínuos'---- (CVC.CV.CV); *Sugundi-sugundi* 'esconde-esconde' (CV.CVC.CV).

As estruturas silábicas indicadas em (B), são repetidas na mesma sequência para anunciar uma nova informação. Os exemplos em (B) oferecem uma perspectiva das estruturas silábicas assumidas pelo processo da reduplicação guineense. É importante salientar que esse processo não acontece de qualquer forma, mas segue as regras fonológicas estabelecidas pela própria língua, isso não é particularidade do guineense, mas é um caso comum nas línguas que usam o processo da reduplicação. Assim, acreditamos que o processo da reduplicação é um fenômeno linguístico produtivo no exercício comunicativo dos falantes do guineense. A este propósito analisamos o mesmo fenômeno em construções sintáticas.

Embora esse processo realize-se por meio da repetição duma sequência fonológica para anunciar novas informações morfológicas (ARAUJO, 2002, p. 61), o fenômeno não se trata de algo que acontece fora da estrutura sintática e nem de um contexto. Neste sentido, podemos considerar, para fins de análise, a forma guineense padjiga 'espalhar' e a reduplicada padjiga-padjiga 'espalhar por todos os lados' na sentença (2).

2. No padjiga-padjiga se livros. 'Nós espalhamos os seus livros por todos os lados'.

Percebe-se que a forma reduplicada (*padjiga-padjiga*) desempenha a função do predicador por excelência da sentença (2). Portanto, podemos afirmar que tal processo não acontece ao acaso, mas sim pelas exigências da própria língua, visto que a função predicadora preenchida pela forma reduplicada é uma das exigências das regras de construções morfossintáticas do guineense para alguns contextos específicos, isso quer dizer que, no guineense, as formas reduplicadas exercem a função do verbo desde que preencham requisitos de um verbo. Nessa ordem de ideia, nem todas as palavras podem ser reduplicadas numa sentença, ou seja, no processo da reduplicação, um mecanismo recorrente, a própria língua determina itens lexicais que podem ser

reduplicados com a possibilidade desses itens assumirem diversas funções gramaticais de acordo com a situação e a intenção comunicativa do falante.

As formas reduplicadas do guineense apresentam noções de várias funções, como as de **distribuição** (*djubi* 'olhar' / *djubi-djubi* 'olhar por toda parte'), de **intensificação** (*djanti* 'andar depressa, apressar-se / *djanti-djanti* 'andar ainda mais rápido' ou 'apressar-se ainda mais') e de **regularidade** (*falta* 'ausentar, faltar' / *falta-falta* 'ausentar, faltar sempre ou com frequência').

Vale a pena realçar que, na sentença, as formas reduplicadas preservam os seus campos semânticos e as suas funções. Para tornar clara a nossa afirmação, analisaremos os itens reduplicados nas sentenças que se seguem.

3. Bo djubi-djubi si nim um ladron ka sugundi na si kasa. 'Olhem por todos os lados se não esteja escondido algum ladrão na sua casa'
4. I bai kinti-kinti pa si kasa. 'Ele/Ela foi rapidamente ou muito depressa para sua casa'.
5. Nha ermon ta falta-falta aulas di matimatika. 'O meu irmão falta frequentemente às aulas de matemática.'

As três sentenças demonstram a preservação do significado e as funções dos itens reduplicados. Sendo que, em (3) o item *djubi-djubi* preserva a sua natureza de verbo "olhar" e projeta a intenção comunicativa através da sua função distributiva. Em (4), o item *kinti-kinti* matém o sentido de um adjunto adverbial sem perder a noção da intensificação, ou seja, a forma reduplicada em (4) expressa a intensidade com que a ação é efetuada. Por seu turno, em (5), a função de regularidade é sinalizada pela forma verbal reduplicada *falta-falta*, deste modo, ao mesmo tempo em que a noção da ação do verbo 'faltar' é indicada, marca-se também o sentido da frequência dessa ação. A seguir, em (C), mostraremos quais funções a reduplicação exerce no guineense moderno.

C. Funções gramaticais da reduplicação no guineense
Foram encontradas quatro funções: -- De **intensificação** (*kinti-kinti* 'muito depressa; rapidamente'), de **iteratividade** (*djukuta-djukuta* 'saltar ou pular de um lado para outro o tempo todo'), de **regularidade** (*falta-falta* 'ausentar sempre/ausentar com frequência') e **distributiva** *(muntu-muntu* 'aos montes' ou *tris tris* 'três por três/três em três'.

Os exemplos em C, destacam itens que comprovam a existência de quatro funções gramaticais que aparecem no processo da reduplicação no guineense até o momento do nosso estudo. A forma reduplicada *kinti-kinti* 'muito depressa/rapidamente' intensifica a ação predefinida pelo vocábulo-base (*kinti* 'quente'). Por seu turno, a função iterativa sugere que uma ação é continuamente repetitiva. Esse, segundo Araujo (2002, p.75), "é um tipo comum de reduplicação nas línguas do mundo". O termo *djukuta* 'pular' na sua forma reduplicada *djukuta-djukuta* 'pular e pular de novo' é tido como um único evento de pular, no entanto, de forma repetitiva. Além disso, destaca-se a função da regularidade com a forma falta-falta, cujo significado é 'ausentar-se com frequência', isso quer dizer, a ação de falta 'ausentar' perdura por um tempo regular, essa ideia é sempre expressa na forma reduplicada. Constata-se também a função distributiva em *muntu-muntu* 'aos montes' e *tris-tris* 'três por três/três em três', a ideia aqui se refere ao aspecto distributivo que pode ser aos montes ou em grupos de três.

CONCLUSÕES

Na análise dos dados em um corpus que serviu de base para este estudo, constatamos que a reduplicação é um recurso utilizado no guineense moderno para transmitir novas informações. Como propôs Araujo (2002), a função iterativa/repetitiva (característica de muitas línguas no mundo e do português brasileiro, em particular) surge com maior expressividade no guineense; ou seja, quando o vocábulo base é um verbo, a

reduplicação tende a funcionar, na maioria das vezes, como ato iterativo que indica que uma ação é continuamente repetitiva. Além disso, observou-se que o verbo é a classe gramatical em que mais se aplica o processo da reduplicação. Dentre as funções gramaticais, era de se esperar que a iterativa apresentasse como a mais predominante, considerando que, no levantamento de dados, é a que aparece com maior expressividade, e isso se confirmou; em alguns casos, é possível constatar diferenças no nível semântico entre a palavra-base e a reduplicada. No que tange às funções lexicais, nota-se que a língua guineense apresenta quatro tipos de relações semânticas: múltipla ocorrência, descrição do tempo pela palavra-base, descrição de um objeto ou atividade pela palavra-base como a caraterística mais proeminente e diferença semântica.

No que concerne aos tipos de reduplicação, salienta-se que não foi visto nenhum caso de reduplicação parcial. Foram encontrados apenas os casos da reduplicação total que, assim sendo, corrobora a ideia de identidade segmental e prosódica entre a forma reduplicada e a base.

Embora, os teóricos tradicionais tenham caracterizado as línguas crioulas como línguas inferiores (BLOOMFIELD, 1933 apud PRATAS, 2002, p. 7), e simples (MCWHORTER, 1998 apud Freitas & Bandeira 2016, p. 245), do ponto de vista morfológico, os resultados obtidos por meio dos dados aqui analisados refutam tais afirmações.

Foi possível ao longo deste estudo evidenciar a complexidade morfossintática de que o guineense dispõe, como mostram as análises do processo da reduplicação feitas anteriormente sobre os planos fonológico morfológico e sintático. Por conseguinte, o presente estudo coloca em evidência os equívocos sustentados pelos teóricos tradicionais sobre a não existência das estruturas morfológicas nas línguas crioulas. Portanto, é mais uma comprovação de que “uma língua [crioula] tem em si todos os elementos estruturais necessários aos seus falantes” (PRATAS, 2002, p. 10).

Assim, a atribuição da simplicidade morfológica às línguas de contato não passa de uma visão descuidada, sustentada por observações racistas e sem dados linguísticos que a comprove. Por isso, a nossa motivação em estudar, como próximo passo, outros fenômenos morfológicos existentes nas línguas de contatos como ideofone, truncamento, diferentes derivações e tantos outros processos linguísticos, como forma de desfazer os equívocos de alguns teóricos que consideram as línguas de contato como “inferiores e simples”.

Enfim, reconhecemos que existem ainda poucos estudos desse gênero sobre as línguas de contato, principalmente sobre o guineense, isso, portanto, prova a necessidade urgente de efetuar pesquisas que atendam tal necessidade.

AGRADECIMENTOS

Meus profundos agradecimentos ao PIBIC-UNILAB pela concessão de bolsa de Iniciação Científica que me possibilitou desenvolver pesquisas sobre os fenômenos morfológicos, sintáticos e fonológicos das línguas do contato e especificamente sobre o processo da reduplicação no guineense moderno.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gabriel. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. Revista de Estudos da Linguagem 10(1): 61-90. Belo Horizonte, 2002.

FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele. Análise morfológica dos crioulos do Golfo da Guiné e do kabuverdianu. Estudos linguísticos, São Paulo, 45 (1): p. 242-256, 2016.

FERNANDES, Tamara Grisolia. Língua como instrumento de ou estratégia de política de nos países de língua portuguesa. Geo-paisagem (on line). 2010.

PRATAS, Fernanda. Sistema Pronominal do caboverdiano (variante de Santiago). Universidade de Lisboa: Dissertação de mestrado, 2002.

SCANTAMBURLO, Luigi. Dicionário do guineense, volume II – Dicionário guineense – português. Bissau/Bubaque. Edições FASPEBI, 2002.

MELLO, Maria Aparecida Curupaná da Rocha. A questão da produtividade morfológica no guineense. Estudos crioulos. Brasília, 2007.